

Quanto espaço dedicado ao morto e nada sobre a morte! Apesar de ter sido um acidente de trabalho, o mito Ayrton Senna justificou toda comoção, lágrimas e tinta derramada em comentários e análises pela mídia. Imprensa não trata seriamente a morte. Nem a do Senna, nem a de ninguém. Por que a ausência absoluta de qualquer reflexão sobre a morte, por menor que fosse, neste momento?

Nunca na história uma sociedade escondeu e se escondeu tanto da morte como na atualidade ocidental. Morrer assumiu um caráter accidental e um tanto vergonhoso. Morreu porque corria muito, porque era obeso, porque sofria do coração ou porque o câncer não tem cura. Se fosse magra, calma, se o câncer tivesse cura e sua profissão fosse pacata, não morreria? Em nossa sociedade morre-se sempre de algo e não por estar vivo. A morte, a única certeza absoluta na vida de todos, é apresentada como accidental e não natural.

Numa sociedade de acúmulo de bens, onde o ter domina sobre o ser, a morte soa como contradição inaceitável. A consciência da morte pessoal relativiza profundamente no indivíduo o consumismo e a correria cega em busca de ilusórios bens materiais. Morto não compra. Não há propaganda no mundo capaz de fazer morto comprar. Esse péssimo consumidor deve ser evacuado o mais rápido e antissepticamente possível. Do hospital para o crematório, em poucas horas. Existe uma espécie de vergonha de ter-se um cadáver em família. Melhor não passar em casa. Melhor os vizinhos saberem depois. Os mortos ainda não aderiram à modernidade.

O morrer é tão natural quanto cultural. Imaginamos nossa morte através da morte dos outros, na nossa cultura e sociedade. Na compreensão da morte não é possível, por

## O MORTO E A MORTE

*Evaristo Eduardo de Miranda*

definição, qualquer experiência reflexiva. Hoje, na ausência de práticas religiosas, ao falar-se da morte, cadáver, velório, enterro e luto, abre-se um difícil caminho para os vivos que devem superar a perda de um ente querido.

O despojamento total de símbolos nos velórios dos hospitais, a ausência de amigos e familiares em número expressivo, o mutismo da espera do enterro e uma série de outras ausências de alegorias, tornam essa passagem um triste momento para os vivos. Freud, em um de seus últimos escritos, "Luto e Melancolia", explica porque o luto não é um estado patológico. O ser amado desapareceu e não pode mais ser objeto de amor. No trabalho de luto é primordial a visão de que o ser amado realmente morreu.

As imagens do morto - no caixão - irão se contrapor a todas imagens da pessoa ainda em vida. Quantas pessoas não entraram em estado melancólico e por toda vida choraram a perda de um ente querido porque não puderam ver o morto. Hoje, a sociedade impede crianças e até jovens de verem seus avós e familiares mortos. Para eles sobrarão o duro encargo de realizar uma morte sem imagem. O velório cumpre entre outras esta função. A secularização quer jogar no lixo práticas de sabedoria elaboradas ao longo de milênios como se fossem credences inúteis ou anacronismos religiosos. No lento caminho do luto, o objeto desaparecido migra do afeto para a lembrança. O amor será dirigido a outro objeto. A presença física e visão do morto são essenciais. Quantas pessoas não se reaproximam durante um velório? Quantas amizades ganham um novo impulso?

Quantos contatos perdidos não são restabelecidos? Nos velórios antigos, onde se serviam verdadeiros banquetes para os acompanhantes, cenas de excepcional alegria acabavam envolvendo os participantes, fruto desta redistribuição do amor.

A morte é um mistério impenetrável. Mesmo para os que morrem na esperança da Ressurreição. Celebrações de corpo presente e ritos dos defuntos ajudam a todos. Tudo o que se possa dizer sobre o que advém ao espírito humano após a morte é conjectura. A morte é um progresso. Passamos da morte cardíaca para a cerebral. Unhas, barba e cabelos dos mortos continuam crescendo ao longo do velório. Deve-se orar pelos mortos e por suas almas. O "Estado de S. Paulo" destacou como passou despercebido o padre franciscano que esteve ao lado de Ayrton Senna, no hospital, dando-lhe a extrema-unção. O rito da Igreja Católica reúne uma sabedoria de milhares de anos e, no encaminhamento do espírito do morto e dos vivos, coloca a família em contato com as realidades positivas do evento.

Outra função do velório e do enterro é a da realização do peso e da carga que o cadáver representa. Chega-se conscientemente ao "está na hora de enterrá-lo". Mas o corpo físico deixado sem pressa, com devida temporização, é de grande auxílio no trabalho de luto. Melhor que o corpo de Senna demorou para chegar e ser enterrado. Só Deus sabe o quanto o Dr. Tancredo nos ajudou, ao morrer devagarinho. Só Deus sabe o quanto aquele pedreiro humilde de São João del Rey, ao

lacrar lentamente, muito lentamente, o seu túmulo, nos manteve em espera e em desejo de acabar logo com aquilo.

Depois do enterro vem o luto. Como diz Freud, é difícil explicar o luto em bases econômicas. É notável que o desprazer da dor apareça como normal. Mas o fato é que o Eu, após acabar o trabalho de luto, retorna livre e sem inibições. Um luto não realizado leva a melancolia e pode terminar em esquizofrenia.

Sem morte não haveria vida. É a lei da natureza. É a lei divina. Sem morte não haveria herança. Tudo que recebemos de nossos pais e avós são ensinamentos e valores. Quando eles morrem se tornam nossa herança. Devemos estar sempre preparados para o Chamado. Para receber ou deixar nossa herança. Somos todos herdeiros de Ayrton Senna. Mas o grande "negócio", nesta sociedade secularizada, é trocar a ilusão da imortalidade - trazida pelo consumismo materialista - pela perspectiva da eternidade.